N.º 11 (133) — 3.º ANNO | Terça-feira, 10 de Janeiro de 1911 | PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

Escola de Correcção

Mestre Zé. — A lição não te serviu de lição, mas has de ir para o quadro negro, essa te juro eu!

O discipulo. — Mas não fui eu, foi o *menino* Espregueira!

❋ Numero extraordinario d'O Zè ❋

No dia 31 de janeiro,

Anniversario da revolta do Porto

O numero de terça feira, 31 de janeiro será dedicado aos revolucionarios «João Chagas», «major Coelho» e «alferes Malheiros» e aos martyres do 1.º de fevereiro «Buiça» e «Costa». Collaboração esmerada. Impressão a 4 côres.

Visto que a Republica acabou com os dias dos reis em Portugal, mal seria que o novo regimen não acabasse tambem com o dia de Reis de saudosa memoria para os empregados publicos e particulares, atirando para o lixo esse dia de feriado, que é como quem diz, dia de regabofe.

Já lá vae o tempo em que a colonia gallaica em Lisboa, ia *buscar os Reis*, ao som da gaita de folles e das castanholas, festa em que ella gastava alguma da *massa*, ganha no seu S. Martinho, que vinha a ser ahi pelos primeiros dias do mez, em que as mudanças eram forçadas a fazer-se no fim do semestre, e em que o amigo gallego, senhor de baraço e... padiola, extorquia áquelles que o chamavam para lhe carr gar com os tarecos, todo o dinheiro que podia.

Este anno, porém, pouco se viu d'isso, porque a lei do inquilinato sahida a tempo, evitou mais essa roubalheira do amigo *garanga*, e muita gente se deixou ficar na casa onde habitava.

Mas, como hia-mos dizendo, o novo regimen levou tanto á ponta da espada o seu rancor contra os *reis*, que nem o proprio bolo consagrado ao dia, escapou.

Qual *bolo rei* nem qual carapuça!...

Bolo nacional, se faz favor!

Quando vi este letreiro na montra d'um confeiteiro aqui do arruamento, fiquei-me a pensar se realmente o *bolo* do *rei* não seria um *bolo nacional*, onde aquelles que rodeavam o monarcha, atolavam o dente até mais não.

E fiz, de mim para mim, e te commentario:

—Sim, é isto. O *bolo* do rei era enorme, e á custa d'elle todos enchiam a barriga. A Republica acabou com o *rei* e com o *bolo*. Portanto aquelles que ajudavam o rei a comer o bolo, ficaram sem esta *queijada* e... d'ahi a difamação que fazem lá por fóra, contra o pobre Portugal e suas instituições.

O *Zé Povinho* que todos os annos apanhava a *fava*, ou por outra, quem *pagava as favas*, mudou este anno de tactica, mandou o rei *á fava*, e bateu-se com o bolo todo.

E tanto se lhe dá que a campanha de descredito contra elle e contra as instituições, tenha ou não tenha echo nos *Corriere della Sera* de todos os paizes, como não, porque a verdade anda ao decima como o azeite ao decima d'agua, e a verdade é sempre a verdade.

Nós cá vamos andando conforme podemos, embora não seja conforme desejamos, mas atraz de tempo, tempo vem, e muito pouco deve viver quem não vir esta caranguejola entrar nos eixos.

Quanto aos novelleiros (eu gostaria mais de lhe chamar cambada de malandros e intrujões, mas não chamo, porque nem todas as verdades se dizem) precisam de um correctivo em regra.

Foi para estes casos que o governo deitou aquelle decreto cujo artigo 4.º diz:

«Aquelle que, de viva voz ou por escripto publicado, ou por outro meio de publicação, espalhar boato falso, destinado a alarmar o espirito publico, ou susceptivel de causar prejuiso ao Estado, ao credito publico, ou á segurança social, sem procurar verificar a sua origem ou o seu fundamento, será punido com a pena de prisão correccional até três mezes, e multa de 10$000 a 100$000 réis, applicando-se em caso de reincidencia, o disposto no artigo antecedente e seu paragrapho.»

Por conseguinte, o governo que deve saber quem são esses sujeitos do *complot* da diffamação contra Portugal, só tem a fazer uma coisa: E' pegar n'elles e applicar-lhe o artigo quarto:

E' um caso de correcção para *casa de correcção*.

*

NOTA DA CHRONICA:

Uma dona de casa entrando de subito na cosinha, encontrou a criada a beber uma garrafa de vinho do Porto. As duas encarando-se:

—Francamente, Joanna, estou admirada!

—E eu tambem, minha senhora. Julgava que tivesse sahido.

EPIGRAMMA

Entre um padre e entre um burro
Travou-se azeda questão;
Dizia o burro que sim
Zurrava o padre que não.

♣

Só com essa condição

O Sr. Trindade Coelho quer que a propaganda republicana na provincia, seja feita pelo elemento militar. Pois sim, mas com a condição de ficar em Lisboa a Guarda Nacional, para fazer propaganda junto das sopeiras.

Ellas estão tão precisadas, coitadinhas!

—O *Zé* deixar de se conservar encarnadinho da costa.

—Deixar de continuar a ser *palmada* a nossa secção *Impossiveis*.

—O Padre Mattos reapparecer com o *Portugal*.

—O José Luciano ir parar á cadeia do Limoeiro.

—A Gaby Deliss ter mais alguma entrevista com o ex-monarcha *loirinho*.

—Saber-se quando sahe a lei de separação da egreja e do estado.

—A Relação deixar de despronunciar os *honrados* conselheiros francaceos.

—O *Zé* deixar de receber caricias dos seus leitores e... leitoras.

—O *Intransigente* deixar de ir *transigindo*.

—Saber-se a surpreza que o nosso *Zé* prepara para o dia 31 de Janeiro.

—Os *cidadões* não terem que fallar.

—Saber-se que reviravolta vae dar o *Seculo*.

—Os jornaes *thalassas* deixarem de fallar como no tempo da monarchia.

Os nabos deixarem de grellar a olhos vistos.

—Haver mais *impossiveis* n'este numero.

Casos bicudos

III

Estamos bem arranjados com a justiça!

Se isto assim continua não tardará muito que um snr. Juiz da Relação, ou outro que leia pela mesma cartilha, nos mande para Timor. E era o que faltava...

Já sabem como elles se portaram no caso João Franco. Deram uma sentença propria de verdadeiros *thalassas* que eram, e o que lhes valeu irem parar a Gôa.

Mas o exemplo não serviu para os que cá ficaram. A lição não foi suficiente severa!

Por isso os Juizes de Relação acabam de despronunciar o franquista Teixeira de Abreu.

Os juizes d'aquelle tribunal fizeram assim justiça da *trama*. Ou por outra, não fizeram justiça nenhuma, porque a justiça deve ser só uma, severa e intangivel, sem designação de justiça monarchica, ou justiça republicana.

Portanto os taes juizes não fizeram justiça alguma; não devem continuar a julgar, porque na Republica não se deve querer juizes que julguem sem imparcialidade.

Para que queremos nós juizes que não julguem como deve ser?

Agora que fazer a estes? Mandá-los tambem para Gôa? Mas isso é, quanto a nós, uma desconsideração para os nossos concidadãos de lá.

Estes juizes não devem ser—como os outros não deviam ter sido—mandados para parte alguma.

Devem ser postos no olho da rua, já que não os entregam a um **tribunal revolucionario**, por estarem conspirando acobertadamente contra a Republica.

A Republica é segundo todos dizem, a Egualdade de deveres e direitos. Ora sendo assim, não deve o Snr. Dr. Affonso Costa mandal-os para a India, ou para aonde quer que seja.

Isso seria uma injustiça.

Se aquelles franquistas de toga, aqui na capital, a dois passos dos ministerios, fazem o que querem, o que iriam elles fazer para longe? Iriam fazer justiça para lá, quando a não fazem cá? Isso faziam elles que eram curiosos!...

Portanto entendemos nós patetinhas das luminarias e talvez em erro, que os nossos irmãos d'alem-mar não são menos do que nós, para terem que gramar aquillo que nós deitamos fóra!

Se os juizes não prestam deitem-nos ao cano, mas o Ultramar não é o esgoto. Atirem com elles para onde quizerem, mas não sejam tolerantes em extremo, que isto o que está a pedir é um **tribunal revolucionario!**

Benevolencia demais pode ainda dar-lhes no gôto.

De todas as revoluções tem sahido um **tribunal revolucionario**. Só d'esta, a mais humana de todas, não sahiu, para os realistas andarem agora impunemente a conspirar dentro da propria Republica, emquanto os *collegas*, lá fóra, largam os mais infames carapetões!

Bolas para tanta tolerancia!

Cebo para tantanta benevolencia!

*

O' illustres, queridos e democraticos cidadãos vereadores da camara municipal, oiçam lá estes lamentos, esgravatem esses ouvidos!

Deem uma *olhadela* misericordiosa para estas malditas ruas do Bairro-Alto, que estão mesmo uma vergonha!

De duas uma; ou a vassora fez gréve, ou o Bairro-Alto ainda não adheriu.

E a proposito; quando é que se dá um *chegança* a valer n'aquelle infame syndicato de Santo Amaro?

Parece que estão com medo d'elle!...

Se não obrigam o inglez
A pôr carros baratinhos,
Limpem as ruas de vez
Sejam ao menos limpinhos!

* *

Um collega dá graças por a guarda nacional já trazer espingardas e a policia chanfalhos, e diz mais que *«só falta ir ao faval ao Zé indisciplinado e refilão, a quem se encasquetou, na pinha alcoolica, que a Republica é cada um fazer o que quer, o que lhe dá na gana, sem respeito pelo semelhante.»*

Quer que lhe *saltem para cima e deem para baixo* e acaba por dizer que *já tarda*...

Ora o que já tarda na nossa opinião, é juizo na pinha do collega. O que tarda para o *Zé* é instrucção e educação que a monarchia sempre lhe negou. Bordoada crêmos nós que lhe não tarda porque a monarchia se lh'a fartou de dar, e por isso mesmo elle lh'a deu agora por sua vez.

E' com instrucção e não com tiros e pranchadas que se educa. Fique-o sabendo!

Mas nós a gastar-mos cera...

A 31 DE JANEIRO numero dedicado a João Chagas, major Coelho e alferes Malheiros

Meninos, estamos contentes, estamos delirando de regosijo!

O imposto do consumo, esse negregado imposto da fome, vae levar um lenho menos mau. Apoiado.

O azeite vae baratear para que se possam fritar os carapaus, para que se possam temperar as couves e fazer uma assorda de alho. A banha, o tempero da humilde panelinha do Zé — pacovio — aquella aguada panela da familia proletaria — a banha ia-mos dizendo, ha-de tambem descer da grande altura do seu preço fabuloso!

Ai! filhos, isto estava uma desgraça completa!

Havia menino que ha dez annos não via o azeite ao cimo da agua, nas batatas com bacalhau! Havia panelinha de familia, que ha vinte annos não levava chouriço, nem toucinho, nem tempero de qualidade alguma!!

Isto agora, esta medida salvadora, foi *maná* que cahiu do céu, foi um cego achar um vintem!

Bemdito seja o cidadão ministro que tal decretou. Santificadas sejam todas as autoridades, que o façam imprimir, correr e publicar! Amem.

Mas... meninos, estamos tambem arreliar, estamos torcendo a venta de afinados.

Vocês não repararam para a forma escandalosa como estão subindo os preços dos generos? E' medonho!

O governo decreta a abolição do imposto do consumo sobre os generos necessários á barriguinha do pobre *Zé*, e elles em vez de abaixarem estão a subir.

E' inacreditavel! Os comilões, os monopolistas disfarçados, a subirem o preço aos generos, para que depois quando elles baixarem, custem ao *Zé* o mesmo que custavam no tempo em que se annunciou esta medida,

Chega a ser desaforo! Então aquelles quinhentos e tantos contos de réis, que o estado se sacrifica a perder para beneficiar o povo, passam assim, sem mais nem *hontem*, graças ás suas artimanhas, para as mãos dos comilões?

E' necessario que o governo tenha mão n'isto, se não quer sacrificar-se sem beneficiar o povo.

Digam-nos lá se isto não está a pedir um cacete?!

Irra! Vão roubar para o pinhal d'Azambuja!

O poema da rua

V

Em que o auctor encontra uma batina. (Quem sabe se era tua, ó padre Mattos!)

Batina negra, côr da noite escura.
Que me lembras enorme côrvo preto,
Eu vou te dedicar este soneto
P'ra que soffras a maxima tortura.

Não me commove a tua desventura,
Ao ridic'lo feroz aqui te metto.
Se trouxesse commigo chlorurêto
Havia de tentar fazer-te pura!...

Eu ando todo roto, mal trajado,
Mas nunca, — pódes crer, — te vestiria,
Que o teu contacto é vil, farrapo usado!...

Inimiga és da luz, negra batina,
Buscas a treva, matas a alegria,
Fica-te ahi, que eu escarro-te, assassina!...

MANUEL CHAGAS (Pardiejo).

Sarau Academico

Falla o dr. Alexandre Braga

Se era já enorme o enthusiasmo do publico por esta festa, maior elle será agora que se sabe ter occasião o povo de novamente ouvir a palavra ardente do grande caudilho republicano dr. Alexandre Braga, a quem foi feita uma verdadeira apotheose quando ultimamente fallou na Republica.

Os preços são camarotes de 1.ª e frizas 4$600, de 2.ª 3$100; de 3.ª 1$600; fauteuils 1$020; superior 720, geral 320; varandas 220. O sarau realisa se em 20 d'este mez.

Paulitadas

— Um jornal monarchico tem uma secção com o titulo de *Passageiros entrados*. Os redactores é que naturalmente estão sempre... *entrados*...

— A mesma *thalassica* folha, publica todos os dias uns versos com o titulo *Um pensamento por dia*.

Um pensamento por dia devemos concordar que não abona muito as cabeças dos *illustres* poetas...

— Uma folha republicana da tarde chamou ao papa *Pio XX*.

Se elle nem *lépes* chega a ser...

— A *Palavra* conta aos seus quatro leitores, que o Bispo de Beja se encontra desgostoso.

Deixem-no lá que elle atira tudo para traz das costas...

— O artigo de fundo d'um diaaio *thalassa* intitula-se *A Galope*, que é como quem diz *a nove*... para a monarchia.

E' mais facil c'uma mão
Dez estrellas agarrar...

Quem quizer saber o resto vá á *Gingi nha*.

— Um semanario chama *á lei do inquilinato* uma confusa embrulhada...

Se elle até ha quem lhe chame *lei do calinato*.

— O *Diário de Noticias* (vá lá o nome d'este, sem exemplo) intitula *cinco contra um* uma noticia de desordem.

Cinco contra um faz lembrar aquelle conhecido *cumulo da cobardia*, em que o offendido acaba sempre por cuspir...

— Entre as pessoas que embarcaram para a Africa apparece o nome do sr. José Rico.

Ora se este *cidadão é rico* que iria elle fazer pará a Africa?

— Diz um jornal que o *Noventa e tres* chega até ás cem, pela certa.

Dá sete... e viva o velho!

COMPANHIA DO OLHO VIVO!

Na caixa de aposentação dos funcionarios publicos, está-se a descobrir outro *credito predial*.

Pois se elle era tão bom!

— Que o D. Manuel lá por fóra
Come e dorme a toda a hora.
— Que pode agora já vêr
Quanta lhe custa o comer.
— Qua a sua pessoa augusta
Já viaja á sua custa.
— Que ora vê se são baratas
As enormes viajatas.
— Que se quizer ter francezas
Ha de fazer as despezas.
— Que a mamã se quer santinhos
Puxa á bolsa os cordelinhos.
— Què no tempo em que cá'stava
Outro gallo lhes cantava.
— Que por causa de tal gado
O Zé e que ia enrolado.
— Que nas syndicancias feitas
Não dão as contas direitas.
— Que muitos ricos brazões
Eram capas de ladrões.
— Que na pobre Parvalheira
Era enorme a roubalheira!

O ZÉ nas provincias

(CORRESPONDENCIA)

Karas karinbas dirêtas da redassão.

Ora grassas ás kabaças ku Relvas a modos ké ome de kabeça. Noz já ká esperavamos com tal dez enlace. Azeitiuho mais baratunxo a malo a carne de porco com licensa de vossa insolencia.

Ká o mê ome já mavéra de dizer: Nan tamonto mais no carro sem untar as mollas, e dahi astive akazi 8 dias ka nan fui á aldêa pois tanto adumorou que ouvicemos alumiar um tal decerto. A' mas akilo é ka foi alegria. O sòr régedor markou logo festança prá amanbãa, ké komo kem dis pró oitro dia a ceguir. Kontratou a filarmonika onde o mê marido é bumbo.

A muito marri á velo de noite a ezercitar se com a maçaneta. Tamen no oitro dia fes fegura kinté o sôr régedor se banzou dele trabalhar taben ka mão. Agora anda tudo sastifêto. Antiguamente o bacalhau nan se podia komer!!! O mê ome inté ma dicera olha kontentate com o xêro por agora. Kagora ma vou a trinkar nele a desforrarme. Ke todos istejam de boa saudinha ao arreceber d'esta e lá vae um xôxo da

MARIA DOS BULHÕES.

Santa Maria de monta arriba 8 de Janêro

O reisinho vae estudar,
Porque d'antes era burro.

GLOSA

Aos livros vae-se agarrar,
Porque deixou os santinhos,
Já não quer santos *bentinhos,*
O *reisinho* vae estudar.
De saber 'stava a apitar
Na sciencia dava murro
Era mesmo um rei *casmurro*
Que nem sabia escrever,
Agora um *sabão* vae ser
Porque d'antes era burro.

PROFESSOR.

PROVERBIOS

«Cão que ladra não morde».

D. MANUEL.

«Tantas vezes vae o cantaro á fonte que lá fica».

D. AMELIA.

«Gato escaldado de agua fria tem medo».

JUIZ VEIGA.

«Cada um chega a braza á sua sardinha».

MACHADO SANTOS.

«Dize me com quem lidas, dir-te-hei as manhas que tens».

MOREIRINHA.

«A occasião faz o ladrão».

ESPREGUEIRA.

«De vagar se vae ao longe».

BERNARDINO MACHADO.

A 31 de janeiro numero dedicado aos martyres Manuel Buiça e Alfredo Costa

Os três da vida airada

Cócó, Rauheta e Facada:
Três gajos da situação,
Que andam lá na **estrangeirada**
Tramando a conspiração...
Mas não lhes vale de nada.

—Ena!... Que quantidade de roupa suja que hoje traz!

=Ainda isto não é nada! Se visse o que ainda lá deixei em casa!...

—O quê?!... Ainda mais?!...

—Ora, faz lá idéa!

—E com um frio d'estes, é obra, para metter as mãos n'agua.

—Mas não temos remedio...

—Diz bem. Temos de metter toda a vida...

—Foi para que nós viemos cá a este mundo. Lavar, esfregar, moer-se a gente com trabalho... para quê?!

—Ora... para outras estarem a gosar.

—E' verdade!

As duas deitam-se ao trabalho e por alguns segundos, guardam silencio.

—O' senhora Leonor, então que me diz aos direitos do consumo? temos, ou não temos, o azeite mais barato?

—Se temos, ainda não dei por isso!

—Ora essa!!...

—Eu continúo a pagal-o a 420 réis o litro.

—Pois sim! Tambem as coisas não vão assim de repente!

—Vocemecê ainda se fia em cantigas!... Os direitos não são cá para a gente!...

—Então para quem são?

—Para os outros! A lei só veiu favorecer os negociantes por grosso, pois que julga?

—Mas não nos chegará uma pequena parcella que seja!

—Qual historia! Veja lá como os merceeiros levantaram antecipadamente o preço, para quando chegasse o decreto, elles nada perderem.

—São uns grandes alhos, são!...

—Pois já se vê! Quem não sabe ser mestre fecha a loja.

Houve outra pausa emquanto a Rita foi buscar uma mancheia de roupa para o pé de si, depois continuaram.

—E' verdade!... E que me diz áquella prisão mysteriosa em Hespanha? Leu?

—Li.

—Ouviu dizer alguma csisa mais?

—Eu só vi isso uma vez no jornal, mas nunca mais vi mais nada a tal respeito.

—Naturalmente foi *blague*.

—Talvez não.

—O quê? Parece-lhe que houvesse alguma tentativa?

—De quem?

—Do *pequeno*, que quizesse entrar...

—Ai, filha, elle é incapaz de entrar seja no que fôr.

—Isso agora...

—Já lhe disse! Isto é... cá por mim não vou jurar, mas segundo tenho ouvido dizer...

—Talvez elle seja como um freguez que eu tenho.

—Que tem o seu freguez?

—Olhe, antes de hontem fui a casa d'elle levar lhe uma porção de roupa. E' homem já maduro, mas bem conservado, e a mulher é ainda nova, e um palminho de cara... faça-me favor.

—E depois?

—Pois fui levar a roupa, e entrei para a casa de jantar, porque a senhora, que não é de ceremonias, me mandou que entrasse para ali. Estavam os dois almoçando, e elle tinha um prato com um bocado de bife diante de si, mas não comia. A senhora sempre tinha uma cara!... ai crédo!!...

—Ora essa! alguma zanga, não?

—Isso sim! a cousa era ou.ra!

—Que diabo seria?

—Ora que seria!... Disse-me depois ella muito nervosa, que tinha havido um pequeno desaguisado por causa do bife, que o d'ella estava bom, mas...

—E o do marido?

—Esse não tinha pimenta...

ARIEL.

BEM PREGADA!

Meninos, se o Castanheira de Moura fechasse as padarias em 5 horas, ia parar á fronteira em 5 minutos!

Aquillo é que o *Castanheira* apanhava uma *castanha*...

OLARÉ!

Segundo nos consta, agora estes ultimos juizes que despronunciaram o *Xuão* vão para Timôr...

Carta a uma senhora

(que na noite de 2 de janeiro assistia, no Colyseu dos Recreios, ao combate entre Pedrosa e Pons, quando alli se deram os tumultos que são conhecidos)

E' com magua, senhora, que lhe escrevo;
Causou-se dó tamanha desventura!
Se tivesse escutado o meu conselho,
Não lamentava agora essa loucura...

....

Pedrosa e Pons luctaram. De repente,
Eu puz em vós, senhora, o pensamento:
Se quizesse fugir? Como fazel-o?...
Não sei porquê... tive um presentimento!

Vinha vestida á moda extravagante:
Sem roda alguma, a saia, feia e esguia,
Apertava-lhe as pernas cruelmente,
E vossencia a custo se movia.

O chapeu, esse então—de abas pequenas,
Copa d'um comprime to sem rival,—
Causava assombro!... (E qu.ndo entrou no circo,
Houve um murmurio longo na geral)

Começou o tumulto; e eu vi-a, pallida
No meio de tão medonha *chinfrineira*
Quiz fugir; mas a saia travadinha
Fizera de vossencia prisioneira.

Toda a gente corria, alvoroçada,
A procurar as portas da sahida;
Choravam as velhotas, as crianças...
E a senhora, coitada, alli tolhida!

Mal dera cinco passos, o chapeu
Voava pelo ar... mais um *chi-chi*.
As cadeiras cahiam aos pedaços...
Ah! desgraçada! eu tive dó de si.

Emquanto a multidão vociferava;
Destruindo candieiros, castiçaes,
Deu-me vossencia a idéa d'uma pomba
Surgindo d'entre um bando de chacaes.

E foi então que a vi tentar correr
Mas cahiu n'esse instante!—Pae do Céu,
Se não fosse este braço vigoroso,
Teria tido a sorte do chapeu!

Depois rasgou a saia... emfim fugiu...
E eu vi-lhe a calça branca, immaculada,
Vi-lhe a galante perna com relogio...
Fiquei raivoso de não ver mais nada!

E, ao recolher a casa, tive a idéa
De lhe escrever, minha gentil senhora;
A fim de que as donzellas, que me lerem,
Vejam de quanto a m da é causadora.

A mocidade é como uma papoula,
A moda é um capricho tolo e vão;
No caso de voltar ao colyseu,
Leve, senhora, a saia de balão!...

Lisboa, 3 de Janeiro de 1911.

MANUEL CHAGAS (Pardielo).

Aguas passadas

O governo provisório, não guiado pela estrella mysteriosa dos Mágos, mas pelos cinco astros igniferos de outubro, continua na sua natural e benefica obra de transformação social.

Dias das festas da Familia, Anno Novo e *Reises*, houve menos perús e mais *pirúas*... o que não só prova o desenvolvimento commercial do *roxo* como a saude organica do consumidor e, mais ainda, o equilibrio financeiro do estado.

A *massa* super-abunda nas algibeiras do Zé e o Zé que é ponderado e lucido,—o atavismo é uma cantiga—arroja-o á *tasca* mais proxima. Bacho triumpha de Minerva. A taberna tambem é uma escola... E se o Zé vae á taberna e não vae á escola, é porque elle entende que a primeira é superior.

A escola—essa é boa para *fedêlhos*.

Para quê a grammatica? Por estar farto de *grammar*, não fez elle uma Revolução?!

Vinho, vinho e dobrada, é a divisa pitoresca do povo lusiberico...

N'isto é elle um alho! Bebe sempre até cahir. E se outr'ora lhe dava para gemer desditas, extravasar em lagrimas todos os mil pipos e pipas que *beberricava* era porque a escravidão secular em que se debatia lhe não largava dos ferros o coração alanceado...

In vino veritas—diz o proloquio latino. O melhor periodo para estudar a psychologia d'um *pandego* é o de *bebedeirite-aguda*.

Hoje vejam! liberto do exodo negro, já não chóra: ri.

O *Tlim*... é o verdadeiro prototypo do Zé Luso, em bebedeira continua e eterna gargalhada, os bolsos cheios de incenso para a apotheotisar os heroes.

E' por isso que as manifestações attingem sempre o delirio; e que dia de Anno Novo, no antegoso da annunciada abolição dos direitos de consumo, *in partibus*, o Povinho bebeu mais algumas *meia-latas*, o que equivaleu a uma boa duzia de gargalhadas *vinhaticas*, com explosão de enthusiasmo democratico.

As festas foram imponentes, disse um velho republicano.

Manisfestações no Terreiro de Paço, *vivorio em barda* e vinho de Sarilhos... Não ha duvida, isto consola e consolida-se.

* * *

A umas *canastras* dengosas, marca X—Estoril, ouvi eu este sendal de blasfemias alegres que o meu dever de chronista manda reproduzir com justiça:

—As festas do povo, cruzes! por mais que queiram, não teem o encanto nem o brilho das nossas. Faltam-lhe a distincção, a elegancia, e sobretudo a gravidade religiosa, timbre da aristrocacia portugueza.

—Ai os nossos saraus do Paço, em dias de recepcão... aquillo é que era riqueza, abundancia, deslumbramento ... lembra-se D. Esther aquella vez que eu trouxe debaixo da capa o trinchante d'ouro á Luiz XV? Serviu-me este anno para pagar a renda da casa...

—O priminho Visconde disse que quem servia agora o *menú* das *jantaradas do galo* era o João do Grão... Que plebeismo... Quem será este João do Grão? E não passam de bacalhau, assado, em pasteis, de cebolada... Tudo para economisar... Eu queria lá que minhas filhas fossem a taes banquetes!... Vão lá as *cachorras* dos operarios que andam esfaimadas!...

—E o presidente que nem faz *toilette*... sempre a mesma labita safada que eu nem consentiria nos hombros dos meus lacaios...

—Aquillo é para troçar comnosco, porque prestigio, talento e boas medidas, têm elles essa é a pura verdade.

—Calculem, no ultimo jantar de gala, até se puzeram em mangas de camisa... por ser mais democratico... E prégam elles moralidade!...

—E o fádo... cantou-se lá o fado!...

—Ah! bello fádo, bello *faduncho*, como dizia o *Martyrisado*, se elles o cantassem, acompanhado á guitarra por mão de mestre, ai filhos! conquistávam o nosso coração... Esqueciamos as botas grossas, a falta de educação, a labita do presidente, o João do Grão e o bacalhau... Adheriamos todas, todas...

—Officiemos neste sentido ao Antonio Zé que é o mais accessivel.

—As canastras e mais santinhas resolvem adherir, sob condições:

1.ª—Abolição da Maria da Fonte e Portugueza.

2.ª—Em todas as festas e recepções da Republica seja cantado o fado corrido acompanhado á guitarra pelo bohemio padre Mattos.

Incontestavelmente isto muito consola e se vae consolidando. As canastras e canastrões são um poderoso elemento de confraternisação democratica, uma especie de cabazes uteis ás filhas do povo, para as compras quotidianas no mercado da praça da Figueira.

HENRIQUE DE CARVALHO.

A 31 de janeiro numero dedicado a **João Chagas, major Coelho, alferes Malheiros, Buiça** e **Costa**

No proximo numero "O ZÉ" começará a publicar a: Folhetim interessante e reinadio, original de Arthur Arriegas (Rei Sagára) o qual descreve todas as peripecias passadas com a sua revista prohibida pela policia. Onde se vê o PUDOR da nossa MORALIDADE... impu-

PHANTASIAS

Descontentes...

Tristão Andrade anda pensativo. Elle que sempre foi um revolucionario enthusiasta, um republicano convicto, anda macambuzio.

A mulher não comprehende e interroga a:

—Que tens? Dize. Andas triste Tristão. Estás com mau humor meu amor?...

—Ando; resmunga elle.

—E é commigo?

—Não... E' com ella.

—Hein? Com ella... tu atreves-te?

—Sim, com ella. Com a Republica...

—Não comprehendo. Pois não era isto que tu querias?

—Um pedacinho... mas não o que eu sonhava...

—Hein?

—Olha succede cómo aos bolos reis. Mudaram-lhe o nome, pozeram-lhe outra bandeira. e a custo, e o resto, resta o mesmo. Ih! Timor... Timor...

—O que? Tu que dizias mal d'essa iniqua lei...

—Pois sim. Ella devia ser posta de parte mas depois de ter servido a alguem... que a fez...

—Era o meu sonho... o Zé Luciano...

—Ora deixa lá o velhote. Não tem pernas...

—Mas não era com as pernas que elle se adeantava...

—Embora. Deixal-o agora; é um velho que sonha...

—Que sonha?! Que tem ronha, diria eu... emfim, basta de tagarellar. Vae-te deitar que eu faço o mesmo.

*

Alta noite, a mulher que quando se deita é pedra que cae n'um sacco, apanha em secco um socco e accorda extremunhada pela esbracejar do marido. O Tristão sonha em voz alta: «...O meu ideal era rubro... do sangue dos heroes, do estandarte da victoria... da purpura do throno subjugado... venceu... empallideceu e esqueceu-o. Passado... desfez-se o meu sonho... ver entre os soldados da Republica, escoltados pelo povo soberano... os aulicos do soberano, que um poder sobrehumano fez abandonar o poder... Alem (Zás... galheta na esposa) é a Rotunda... e lá a Penitenciaria... abrem-se as portas... lá entram elles, muitos, todos, todos que me roubaram... Olha ali... aos risos do povo a embarcar para longe, onde o seu bafo não faça mal á Patria... lá vão... então, sim... trabalharia, seria feliz... abençoaria a justiça de todo o meu ser... Justiça estava feita...

Nota:—Cae o panno lentamente.

Esta scena é triste mas é verdade. Quem não gostar do titulo pode-lhe pôr este por exemplo: «A's donas de casa, receita para fazer sonhos».

OLARILA!

Luciano, Talone e José Bello
Quintella, Magalhães mais o Burnay,
Seis typos aqui temos, olaré,
Meia duzia de gajos com *ourello!*

Honrados typos são (é bom dizel-o)
Incapazes de ao cofre metter pé,
Porem por sim por não (não por má fé)
Já teem da cadeia o negro sello!

O Silva, o Antonio Candido, o Pereira,
O d'Avilla marquez, mais o Silveira,
Navarro e o Pimentel, essa belleza,

Já passaram sem qu'rer no tribunal;
. . . .
Que de ladrões que havia em Portugal
De cartola e brazões d'aurea nobreza!

Serpente com mão

O *Correio da manhã* diz que um redactor tem as mãos frias como uma serpente.

Serpente com mãos, faz lembrar um *burro* com tendencia para jornalista.

OS EXTREMOS TOCAM-SE...

D'antes para Timor só iam os republicanos e anarchistas, agora vão os thalassas e jesuitas...

Como o destino é vario. mens filhos!

Procopio Tresxiz entrou em casa que nem um foguete.

—Vistam-se, arranjem-se—gritou elle para todos os lados—que vamos hoje ao theatro!

—A qual? a qual, papásinho?—perguntaram logo as meninas pulando de contentes, tão desacostumadas já estavam de theatros, coitadinhas!

—Vamos á *Trindade* ver os *Amores de Principe*... Vá, vistam-se, não se demorem, que se faz tarde.

A respeitavel snr.ª D. Laureana, a cara metade do velho Tresxiz, embora muito espantada do caso nunca visto, como era aquella ida ao theatro, tão inesperada, ia sempre aproveitando a occasião, preparando-se e gritando ás filhas que se preparassem.

O calvo Procopio Tresxiz já alli estava, envergando a casaca das grandes occasiões, escovado e luzidio, fazendo grandes gestos, e berrando mil pragas ás filhas, que ainda agora andavam ás voltas com o pó-de arroz.

—O' papá—ia dizendo a mais nova—não se zangue, que havemos de chegar a horas. A gente não demora nada; é um *estantinho*. Falta só este signal.

—Um signal, precisavas tu, grande mandriona! São já oito e vinte e vocês ainda n'esse estado!

Dez minutos depois esta interessante familia, abalava de casa. Uma das meninas com a pressa esquecera-se do lenço; a outra deixára ficar em casa o frasquinho do cheiro.

—Mas ó papá—dizia a mais velha, dando-lhe o braço—não seria melhor a gente ir ao **Nacional** onde vae a *Pena Ultima* ou ao **Republica** ver o *Encontro?*

—A menina não sabe que «a cavallo dado não se olha ao dente»? Foi o Barnabé Rancolho, aquelle que é dos jornaes, que me deu um camarote para esta noite.

—Ah já o tem ahi?

—Ainda não; havemos de ir esperar por elle para a porta do Theatro.

Ás nove menos cinco chegava todo este molho de brocos ao sitio combinado. Era tarde. O espectaculo começára já.

O nosso Procopio Tresxiz, deixou a familia por um momento para ir procurar o seu amigo Rancolho.

Entretanto a menina mais nova foi-se entretendo a ler:

Gymnasio—*O rato azul*... ó mamã isto ha de ser muito bonito!...

Apollo—*O Fado*... ai! que pena eu tenho de não ver isto...

Avenida—*Amor de Principes.*

Rua dos Condes—*5 d'outubro*, do dr. Mario Monteiro...

Colyseu dos Recreios—Campeonatos de Lucta; que lindas fitas que vão no **Salão da Trindade** e no **Chiado Terrasse!**

Eram dez e meia quando já fartos de esperar lhes appareceu emfim o careca do papá.

Vinha fulo; dava o diabo á cardada. O tal amigo não apparecera, tinha-lh'a pregado!

Fora uma partida como outra qualquer, a primeira d'este carnaval de 1911.

A familia voltava para casa rogando pragas ao tal Rancolho.

João d'Alem.

Nunca mais!

Então quando acabará a questão das bandeiras? Se ficam assim toda a vida e mais seis mezes, nunca mais ficamos embandeirados... da costa.

Talvez seja

Caçadores 6 leva as metralhadoras para a Madeira.

Será para matar o *cholera?*

Se *calhar* é!

AI, NADA QUE NÃO!

Diz o *Seculo* que a administração do Pinhal de Leiria tem sido pessima.

Podera! Havia de ser só o da Azambuja, não?!

AO LUCIANO

Meu caro Luciano; já lá vão
Os tempos felizardos em que tu
Enchias de massinhas, maganão,
O canto bolorento do bahu.

Paciencia meu velho espertalhão,
Já foi por agua abaixo o teu Lu-lu,
Meu manhoso e decrepito ratão
Que deixaste o Zé misero e nu!...

Tão esperto como eras meu velhinho,
Deixas-te-te apanhar na rotoeira
Attrahido pelo cheiro do toucinho;

Se fôres p'rá prisão—que pagodeira!—
Irás em procissão pelo caminho,
Fungando o teu rapé, n'uma cadeira!

Viu-se Grego.

QUE BELLEZA!

A subscripção para as victimas, vae nas alturas. As massas chovem.

Ai, quem nos dera ser victimas da Revolução!...

Somma e segue

Dois funccionarios do Ultramar são accusados de peculato.

Ai filhos, aquillo, era mais a mim, mais a mim!

COITADO

O bacôco já mandou vender as muletas, para pagar a fiança.

Pobre d'elle, coitadinho!

Ultima hora

Redacção «Zé--Lisboa

Brazil (atrazado). Os povos põem-se tesos segundo a tempera, mas nunca imaginei que n'este paiz tão quente o meu se entezasse tanto.

Hermes.

Redacção «Zé»--Lisboa

O povo vae ficar sem direitos nos chouriços.

José Relvas.

Redacção «Zé»--Lisboa

França--Dê-me esperanças que o meu rei não perde o seu «Zé». Dê-me esperanças... ao menos dê-me uma.

Gaby Deslis.

A 31 de janeiro excursão ao Porto promovida pelo ZÉ

No campo dos mortos